

# ROBERTO SCHWARZ E A CRÍTICA SOCIAL NA LITERATURA DE MACHADO DE ASSIS

**Elvis Paulo Couto**

Discente do curso de Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara e bolsista de iniciação científica da FAPESP.  
E-mail: [coutoelvis@yahoo.com.br](mailto:coutoelvis@yahoo.com.br)

## RESUMO

Este artigo foi redigido com a finalidade de evidenciar a maneira por que o ensaísta Roberto Schwarz interpreta a literatura de Machado de Assis. Demonstraremos que a tônica da crítica literária schwarziana recai sobre a relação entre texto e contexto, fazendo emergir uma análise que concebe a dimensão histórico-sociológica do gênero romanesco como um princípio formal, isto é, como uma matriz linguística que dá

movimento à enunciação dos personagens e que estiliza alguns dos aspectos sociais do Brasil oitocentista, quais sejam: a contradição entre ideias liberais e práticas escravistas, a arbitrariedade da classe dominante, a função social do agregado etc. Em suma, investigaremos aquilo que Schwarz compreende como “depoimento da forma”, isto é, a crítica social inscrita na forma literária.

Roberto Schwarz deixou seu nome insigne no âmbito das ciências humanas pela publicação de seus estudos sobre a literatura machadiana. A agudez do ensaio “As ideias fora do lugar” se deve em grande medida à análise de um procedimento técnico realizado por Machado de Assis, procedimento este que nada é senão a formalização de um processo social caracterizado pela convivência, a um só tempo complementar e contraditória, de ideologia liberal incorporada pelas elites e manutenção de práticas escravistas e clientelistas. Na verdade, o crítico perspicaz é aquele que percebe que não há nada que aconteça nas relações sociais de um país que não tenha sido, antes de qualquer coisa, matéria através da qual os escritores de literatura engendraram formas artísticas. Não sendo o texto despregado de seu contexto, não sendo a estética e o estilo de época produtos nascidos da mentalidade individual, o objeto de arte pode dizer — e amiúde diz — muito sobre os modos de sociabilidade e a organização do poder político.

O romance realista não é a transformação mecânica do real em linguagem prosaica, mas é a representação — a *imitatio* — da realidade. Sendo assim, o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, foi a obra investigada por Schwarz na segunda etapa de seus estudos sobre a literatura do bruxo do Cosme Velho, etapa na qual o crítico almejou desvendar a arbitrariedade do narrador, compreendendo-a “a) como regra de composição da narrativa, e b) como estilização de uma conduta própria à classe dominante brasileira” (SCHWARZ, 2000a, p. 18). Mais do que isso: Schwarz analisou quais as causas do nosso atraso e quais os elementos da vida mental brasileira que remontam ao passado colonial e persistem no Império. Nesse sentido, a análise social empreendida pelo crítico só foi possível porque esteve embasada na forma romanesca. Só ela é congruente com os valores do mundo burguês que marcaram o período monárquico brasileiro, só ela gira em torno de um herói cuja vida é explicada desde a sua gênese até o seu final. O romance realista autobiográfico é a formalização literária de relações sociais historicamente consolidadas. O herói moderno está inserido no universo de valores individuais da burguesia, e é por isso que sua trajetória no enredo precisa ser explicada de maneira integral, voltando

ao passado, pois o passado, assim como pensa Lukács (1974, p. 90), é absolutamente necessário para explicar geneticamente o presente, o desenvolvimento ulterior.

Machado de Assis, hábil retratista dos costumes da elite, é considerado o inaugurador do Realismo no Brasil. Todavia, o que há de realista na narração de Brás Cubas? Ora, não é ele um defunto autor? Um defunto autor é algo que desmistifica o real. O lastro contextual das *Memórias* não é mais forte do que o seu poder inventivo e do que a sua prosa culta e elegante. Na verdade, o realismo machadiano não é aquele que copia a realidade, mas aquele que cria a realidade, que faz desta um material fecundo literariamente. A singularidade de Machado de Assis, por conseguinte, justifica-se muito menos por sua *mimesis* do que por sua redução em linguagem de aspectos sociais que denunciam quem são os brasileiros e o que eles têm de diferente em relação aos europeus. Isto se evidencia pela narração arbitrária de Brás de Cubas, o qual submete todas as personagens do livro ao seu autoritarismo. A conduta discricionária do narrador está inscrita no movimento de elocução em primeira pessoa. Portanto, o realismo de Machado, enquanto representação da realidade nos temas e nos assuntos que compõem a economia do livro, é bruxuleante, ao passo que o realismo de sua linguagem, isto é, enquanto representação da realidade segundo princípios formais, tem alto valor.

Interessa a Roberto Schwarz a forma literária das *Memórias* porque ela não existe sem o processo social de que faz parte. Schwarz notou que a fortuna crítica de Machado, desde o século XIX, sempre o viu como um corpo estranho no conjunto literário nacional, como um escritor despreocupado com os problemas de um país periférico. Sylvio Romero (1936, p. 26) e José Veríssimo afirmavam não poder julgar a obra machadiana de acordo com o critério nacionalístico. Salvo róseas exceções, como Lúcia Miguel Pereira e Raymundo Faoro, Machado era analisado segundo critérios psicológicos, ou somente enquanto escritor de prosa fina e estrangeirizante. É com a crítica de Schwarz que o nosso escritor recebe uma análise social que parte da forma, e não do conteúdo. E o que a forma nos mostra? Encarnada na figura do narrador, ela deixa evidente que Brás Cubas é o protótipo do proprietário de terras e escravos aos moldes do século XIX; é, em outras palavras, o típico sujeito da elite, infiltrado no estamento burocrático e agindo como quem de sua estirpe agiria: imitando tudo o que se fazia na Europa, só que de maneira abasileirada.

O comportamento de Brás resume o comportamento de seus pares. A classe dominante oitocentista tratou de aclimatar em contexto brasileiro as ideias liberais europeias. Porém, na travessia pelo Atlântico, o liberalismo deixou de ser europeu em seu âmago, para sê-lo apenas em sua roupagem. As ideias liberais, aqui, estavam

fora de lugar em relação ao centro do capitalismo, elas sofreram a metamorfose necessária ao seu deslocamento, passaram a conviver de forma contraditória com o escravismo e com práticas muito pouco modernas, como o clientelismo e o favor.

Com efeito, a chama da ideologia liberal incorporada e redefinida no Brasil oitocentista era rarefeita, débil, pois só estava presente na vida mental da casta que compunha a classe estamental, aquela que permanecia influída nos postos da administração pública e do burocratismo. Também estava presente na mentalidade daqueles que portavam títulos nobiliárquicos e dos grandes senhores de terras. Em contrapartida, a existência e a função da classe de escravos atestavam o modo de ser e agir contraditório das classes dominantes, uma vez que os pressupostos do liberalismo se chocavam com uma economia cujo sustentáculo era a escravidão. Não só esta manchava a bandeira liberal hasteada na nação recém independente, mas também uma classe que vivia sanduichada entre escravos e proprietários: os clientes, também conhecidos como agregados. Estes homens eram brancos, livres e pobres, não conseguiam se inserir na ordem escravocrata, não havia um lugar definido para eles. Como não existia trabalho no Brasil do século XIX, pois a mão de obra escrava realizava o grosso da produção nacional, a essa lambujem de gente livre só restava viver de favor. Os agregados eram, em realidade, cooptados por um grande, isto é, por um proprietário de escravos à maneira do Brasil imperial; e aos cacoetes autoritários deste se sujeitavam.

Os dependentes — caudatários dos donos das grandes propriedades — são aqueles que corroboram que o liberalismo era uma ideologia imprópria na vida social brasileira. Apesar de livres, eles dependiam do arbítrio do senhor de terras e de escravos, viviam sob o regime de cooptação política, e, sobretudo, constituíam o diagnóstico preciso de que o liberalismo, aqui metamorfoseado, contribuía com o atraso, era um obstáculo à modernização. Schwarz (1999, p. 81), no ensaio “Discutindo com Alfredo Bosi”, afirma: “É indiscutível que o liberalismo econômico e a sua ênfase na propriedade podem calhar bem à defesa da escravidão”.

Segundo Rouanet (1991, p. 176) o Brasil passou a ser independente, mas não se desvencilhou da economia de base colonial, o que fez com que o atraso das práticas clientelistas e escravistas coexistisse com a modernidade da ideologia liberal. O “desajuste de princípio entre as relações sociais brasileiras no século passado e as ideias e instituições importadas da Europa” (ROUANET, 1991, p. 176) produziu uma *comédia ideológica* que recebeu, através da criatividade de Machado de Assis, uma forma artística, forma esta interpretada por Schwarz em sua relação dialética com o contexto do século XIX.

A elite dependia dos escravos para a sua existência, para a manutenção do poder autoritário e da produção destinada ao mercado externo. A relação, pois, entre essas duas classes, para Schwarz (2000b, p. 16), era clara. Faltava clareza quanto à caracterização dos homens livres não-proprietários, e a esta ausência de inteligibilidade Schwarz quis voltar a sua atenção. Isto porque ele acreditava que era na camada dos agregados que aconteciam a produção e a reprodução da ideologia nacional. Os homens de ideias destinavam-se a perscrutar as relações de favor, o regime de dependência, produzindo arte e reflexão intelectual acerca dessa prática tão comum à vida brasileira. Nas palavras do crítico: “*O favor é a nossa mediação quase universal — e sendo mais simpático do que o nexu escravista, a outra relação que a colônia nos legara, é compreensível que os escritores tenham baseado nele a sua interpretação do Brasil*” (SCHWARZ, 2000b, pp. 16-17).

O clientelismo se assenta sobre um lastro de arcaísmo que atesta a nossa antimodernidade. Schwarz assinala que é por meio dele que uma intensa teia de relações de dependência se sustém. O liberalismo aqui transplantado servia de justificativa para a arbitrariedade dos senhores em relação aos seus clientes (SCHWARZ, 2000b, p. 18). Utilizando em sua retórica ideias iluministas e afrancesadas, os proprietários faziam da natureza perversa e despótica do favor uma espécie de atitude filantrópica, submetendo os interesses dos que estão abaixo de sua condição privilegiada aos caprichos de toda ordem. Diante desta situação a que Schwarz dá o nome de *comédia ideológica*, os escritores fizeram a ambientação de suas narrativas, o Alencar de um jeito, o Machado de outro. Notaram estes que os homens que não eram “grandes” promoviam uma cultura interessada, pois o enriquecimento intelectual lhes convinha apenas para que pudessem ascender socialmente, ainda que de maneira árdua.

A extensa galeria dos agregados machadianos tem, por conseguinte, valor documental. Um José Dias e uma Dona Plácida são personagens de papel, entretanto são também arquétipos brasileiros. Aquele alcançara seu devido lugar no bojo da família patriarcal e proprietária, chegando a opinar sobre a vida dos grandes, embora obedecendo sempre a eles. Esta — confluência de todas as donas plácidas espalhadas pelo Brasil — foi obrigada a soterrar em areia movediça os pilares que escoravam seus princípios morais, em nome do zelo forçado a um casal adúltero. Do lado oposto dos cooptados, Brás Cubas analisava negativamente as manobras das mocinhas pobres para subir na vida, ao passo que Bentinho visava a convencer o leitor de que Capitu havia o traído, e o convencimento estava ligado a uma série pistas e provas narradas do ponto de vista do proprietário de terras e escravos, do patriarca que simboliza a

centralidade do poder. Daí a vivaz credibilidade do acusador.

O leitor brasileiro facilmente adere ao ponto de vista dos narradores machadianos, dos ioiôs elegantes, acabando por ver com naturalidade a relação entre proprietários e agregados. O autoritarismo do narrador em primeira pessoa não é algo estranho para o público consumidor da literatura machadiana, que durante muito tempo julgava como certa a traição de Capitu. Somente a partir da leitura realizada por Helen Caldwell, uma americana, é que, no Brasil, começaram a surgir, na intelectualidade, importantes questões <sup>(1)</sup>. Por que o narrador quer nos convencer de que Capitu o traiu? Por que o julgamento dos homens proprietários de terras é sempre congruente? Por que a visão dos que estão em cima, no topo da pirâmide social, é a correta? Estas perguntas não eram colocadas pelos brasileiros. Foi necessária a crítica de uma estrangeira para que se pudesse ver *Dom Casmurro* como uma obra aberta. Além disso, os questionamentos de Helen Caldwell apontam que o brasileiro, na maior parte das vezes, concorda passivamente, e sem duvidar, com a arbitrariedade da classe dominante. Daí a força da literatura de Machado no sentido de nos fazer observar com olhos desacostumados as relações sociais brasileiras. E a figura do agregado, nesse sentido, merece um olhar grave e crítico. É por essa razão que Schwarz analisa com propriedade a situação do clientelismo no Império, a qual fora formalizada em literatura por Machado. Com “As ideias fora do lugar”, passamos a ver com estranheza as relações dos agregados com os “grandes”. Aqueles constituíam uma classe desprezada socialmente e caricaturada no conjunto ideológico nacional. No entanto, sem ela, esferas “como administração, política, indústria, comércio, vida urbana, Corte etc.” (SCHWARZ, 2000b, p. 16) tornar-se-iam completamente inoperantes.

Depreende-se, portanto, que a elite oitocentista nada era senão uma franja aparentemente intelectualizada, que dependia do trabalho escravo e da subserviência dos agregados para levar uma vida de luxo e ociosidade. Esta elite, burguesa desde o seu nascimento, desejava imitar aquilo que era costumeiro no centro, e, ao fazê-lo, incorporava falsamente à vida brasileira aspectos da sociabilidade europeia, escamoteando o essencial. Vimos que o liberalismo, aqui, era apenas um rótulo, pois convivía com clientelismo e escravidão. Além disso, a burguesia tratou de trazer às salas de visita dos sobrados, nos momentos de reunião para se discutir assuntos do intelecto, as ideias do Iluminismo francês. Como diz Schwarz, estas ideias constituíam apenas “ornato e marca de fidalguia” (SCHWARZ, 2000b, p. 19), atestando que a cultura tinha tão somente função decorativa. A retórica esclarecida dos finos senhores,

1 Para um aprofundamento do assunto, ver: CALDWELL, Helen. *The Brazilian Othello of Machado de Assis: a study of Dom Casmurro*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1960.

a pompa de suas vestimentas e de seus modos à mesa, a exuberância arquitetônica que os circundava, tudo não passava de uma fina camada de verniz sobre as relações tradicionais. Modernos somente na aparência, os grandes proprietários, na vida corrente, reiteravam suas práticas antimodernas: contrabandeavam escravos, faziam do aparelho estatal um apêndice de suas propriedades privadas, distribuía cargos na administração pública de acordo com um sistema de privilégios, etc. O paradoxo entre o mundo das ideias e o mundo das relações materiais não era questionado por causa da prática do favor. Com as atitudes contraditórias da classe dominante concordavam homens brancos e livres, pois só assim eles sobreviveriam. De fato, o favor era um elemento de ligação entre proprietários e não-proprietários, garantindo que estes últimos não eram escravos: “no contexto brasileiro, o favor assegurava às duas partes, em especial à mais fraca, de que nenhuma é escrava” (SCHWARZ, 2000b, p. 20).

Se observarmos com agudeza os romances de Machado de Assis, notaremos neles a centralidade que ocupa a figura do agregado. Nos romances da fase inicial, as mocinhas protagonistas desejam ascender socialmente por meio do favor de um fidalgo. Nos romances da fase madura, o agregado age conforme lhe ordena o proprietário, garantindo o lugar no bojo da família patriarcal e o dinheiro para passar a semana. Desde o início de sua vida literária, Machado de Assis tratou de formalizar artisticamente aspectos de suma relevância na vida ideológica nacional, dando uma feição estética aos problemas desencadeados pelo capitalismo periférico. Quem primeiro notou a problemática social inscrita no tecido narrativo machadiano foi Lúcia Miguel Pereira, assinalando que os livros da fase romântica “giram em torno do mesmo eixo: a mudança de classe” (PEREIRA, 1988, p. 156). Schwarz, posteriormente, analisa com maior fôlego este problema esboçado pela crítica literária carioca.

O ensaio “As ideias fora do lugar” é a primeira parte de um longo estudo empreendido por Schwarz acerca da transposição dos aspectos da realidade social para a literatura de Machado de Assis. Ao final do ensaio, Schwarz afirma: “o que estivemos descrevendo é a feição exata com que a História mundial, na forma estruturada e cifrada de seus resultados locais, sempre repostos, passa para dentro da escrita” (SCHWARZ, 2000b, p. 30). Schwarz acredita, assim como Adorno e Lukács — seus mestres frankfurtianos — que a forma literária nada é senão conteúdo histórico-social sedimentado. É por isso que o subtítulo de sua tese é “forma literária e processo social”. A compreensão da primeira exige a compreensão do segundo.

De acordo com Leopoldo Waizbort, o estudo de Schwarz sobre o romance do século XIX é, em essência, a investigação “da relação entre forma romanesca e desenvolvimento do capitalismo” (WAIZBORT, 2007, p. 37). Este detém uma série de particularidades que o diferenciam do capitalismo europeu. Da mesma forma, o romance realista dos oitocentos é a fusão de tendências localistas e cosmopolitas, as quais foram estilizadas esteticamente. Na pena de Machado de Assis, a literatura, enquanto parte da ideologia, assimilou a forma do romance realista europeu. Machado foi o primeiro a engendrar uma forma literária verdadeiramente moderna, superando as debilidades românticas de Alencar e introduzindo no Brasil o Realismo. Está explicado, portanto, o porquê de Schwarz ter visto na obra machadiana um objeto sociologicamente relevante.

Os procedimentos analíticos de Schwarz alinham-se a uma vertente de estudos conhecida como crítica marxista,<sup>2</sup> cujo programa de pesquisa centra-se na “dialética de forma literária e processo social” (SCHWARZ, 1987, p. 129). Como o próprio autor diz, a crítica dialética é um método demasiado complexo, que, entre os críticos brasileiros, somente efetivou-se com Antonio Candido. Em 1970, com a publicação de “Dialética da malandragem”, Antonio Candido mostra que o livro de Manuel Antônio de Almeida fora sempre posto, pela crítica, ao lado dos romances espanhóis que têm a figura do pícaro como personagem central, o qual organiza e direciona a narração. Antonio Candido não vê este apontamento como equivocado. Há, com efeito, dados conteudísticos que permitem enquadrar as *Memórias de um sargento de milícias* à tradição romanesca do Século de Ouro; no entanto, as características da malandragem do personagem Leonardo Filho mais destoam do que se assemelham à malandragem típica do gênero picaresco. Na verdade, o protagonista é um “antipícaro” (CANDIDO, 1993, p. 24), e a sua história, na visão de Antonio Candido, muito pouco se prestaria ao trabalho crítico se fosse interpretada somente enquanto parte de um conjunto mais amplo da literatura de cunho pitoresco que predominou na Espanha. O autor prefere ver Manuel Antônio de Almeida como um escritor realista em sentido amplo (e não apenas enquanto incorporador de um estilo de época), que faz da cena histórica em que está inserido, com suas dinâmicas de relacionamento social, uma constante inspiração para o ato de configurar em palavras os sentimentos e os comportamentos — isto é, o perfil

<sup>2</sup> Astrojildo Pereira, antes de Schwarz, havia feito um estudo sobre Machado de Assis que se filia ao marxismo e é interessado em problemas sociais. No entanto, sua análise mais reconhece no conteúdo da literatura os aspectos políticos e sociais do Segundo Reinado do que se enreda numa investigação propriamente dialética e capaz compreender a contradição interna da forma literária. Apesar de recair num paralelismo entre texto e contexto, assim como o fez Raymundo Faoro, Astrojildo Pereira reconheceu nos escritos machadianos um enorme valor universal e nacional ao mesmo tempo. Cf. PEREIRA, Astrojildo. *Interpretações*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1944. p. 15.

— de uma sociedade. A sociedade retratada no livro é a brasileira “no tempo do Rei”, e inferir isto é tarefa rotineira, que não é digna de registro. A crítica que faz o levantamento das circunstâncias expressas na narrativa que mais se aproximam dos aspectos gerais de certo período histórico deseja, segundo Antonio Candido, “ver a ficção como duplicação —, atitude frequente na crítica naturalista que tem inspirado a maior parte dos comentários sobre as *Memórias*, e que tinha do realismo uma concepção que se qualificaria de mecânica” (CANDIDO, 1993, p. 32). Ao invés disso, o autor propõe descobrir “qual a função exercida pela realidade social historicamente localizada para constituir a estrutura da obra —, isto é, um fenômeno que se poderia chamar de formalização ou redução estrutural dos dados externos” (CANDIDO, 1993, pp. 32-33). É com este método que a crítica sai da mera enumeração de referências que pululam o tecido narrativo para se incumbir da tarefa de analisar o modo como essas mesmas referências dão forma a um esquema que, além de costurar os temas e de contornar os arquétipos, permite ao leitor vivenciar as problemáticas psicológicas próprias à sociedade brasileira, que, todavia, não deixam de inserir-se na ordem dos valores cosmopolitas. Trata-se de uma crítica mais profunda e mais ambiciosa (ou revestida de “dignidade máxima”,<sup>3</sup> como afirma Schwarz), que enxerga na estrutura do romance a *dialética da malandragem*, desdobrada por Antonio Candido em “dialética da ordem e da desordem” (CANDIDO, 1993, p. 36). Em outras palavras, há personagens e situações submersas numa esfera de ordem e moral rígida, ao passo que há outras personagens e outras situações nas quais a desordem (ou malandragem) é preeminente, e isto engendra um movimento dialético que está no plano da dicção e no plano social ao mesmo tempo. Em síntese, Antonio Candido inferiu que a forma literária “é tanto o esqueleto de sustentação do romance, quanto a *redução estrutural* de um dado social externo à literatura e pertencente à história” (SCHWARZ, 1987, p. 132).

Antonio Candido supera, assim, a univocidade do estruturalismo e do sociologismo vulgar, lançando mão de uma metodologia, designada de *redução estrutural*, que compreende a linguagem literária enquanto síntese do movimento geral da história. Schwarz alinha-se a este programa de estudos, pois acredita, assim como seu professor, que a linguagem não se encerra em si mesma, mas formaliza

3 Schwarz afirma que Adorno reveste a crítica literária de “dignidade máxima”, pois concebe a arte como mais verdadeira do que as historiografias oficiais. Na verdade, segundo Schwarz, Adorno é “formalista com referência”, pois, para ele, “forma é história sedimentada”. Cf. SCHWARZ, Roberto. A dialética da formação. In: PUCI, Bruno; ALMEIDA, Jorge de; LASTÓRIA, Luiz Antônio Calmon Nabuco (Orgs.). Experiência formativa & emancipação. São Paulo: Nankin, 2009. pp. 171-173.

elementos externos a ela. Esta noção estética, que está em Hegel,<sup>4</sup> foi desenvolvida também por Adorno<sup>5</sup> e Lukács<sup>6</sup>, críticos nos quais se inspirou Schwarz: “Meu trabalho seria impensável igualmente sem a tradição — contraditória — formada por Lukács, Benjamin, Brecht e Adorno, e sem a inspiração de Marx” (SCHWARZ, 2000a, p. 13).

As experiências formativas de Schwarz lhe permitiram enxergar o universo das formas estéticas em sua conexão profunda com a referencialidade. Num debate realizado em torno da recepção do livro *Um mestre na periferia do capitalismo*, Schwarz afirma:

Fui procurar a organização do romance do Machado, a razão que torna o Machado particularmente agudo, e descobri — talvez tenha me enganado, mas em todo caso creio ter descoberto — que o que dá um mordente particular à ficção dele é um sentimento agudo da injustiça de classe que se manifesta de maneiras muito veladas (SCHWARZ, 1991, p. 64).

Vê-se, diante do exposto, que Schwarz percebeu que, quando Machado de Assis, em sua fase madura, passa a escrever na primeira pessoa, sob o ângulo de um proprietário de terras e de escravos ao gosto dos oitocentos, ele começa a operar um desmascaramento profundo das injustiças das elites brasileiras. No entanto, é importante observar que Schwarz tratou de criticar o modo pelo qual essas injustiças são convertidas em material linguístico, no caso, são convertidas em uma narração repleta de volubilidade, de autoritarismo e de capricho. Nas palavras de Schwarz: “procurei colher o que se poderia chamar o depoimento da forma” (SCHWARZ, 1991, p. 66). Em outros termos, ele procurou evidenciar a própria crítica inscrita na forma, como se Machado de Assis houvesse demonstrado com sua ironia fina, na figura de Brás Cubas, toda a negatividade do comportamento da classe dominante. Caberia, portanto, a um crítico dotado de senso histórico descortinar essa crítica *velada*, que seria uma crítica social contida na literatura de Machado de Assis.

4 Hegel declarou que forma e conteúdo constituem um amálgama, havendo entre eles uma conversão recíproca: o conteúdo nada é senão o convertimento da forma em conteúdo e a forma nada é senão o convertimento do conteúdo em forma. Para Hegel, a duplicação é inerente à forma: o reflexo interior dela é o conteúdo. De acordo com esta premissa hegeliana, depreendemos que a forma artística detém em si mesma o conteúdo, ou seja, o lado interno e o lado externo do objeto estético são indissociáveis. Cf. HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. The encyclopaedia logic, with the Zusätze: part I of the encyclopaedia of philosophical sciences with the Zusätze. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1991. p. 202.

5 Adorno afirma, em suas reflexões sobre a música de Schoenberg, que “as formas da arte registram a história da humanidade com mais exatidão do que os documentos” Cf. ADORNO, Theodor W. Filosofia da nova música. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 42. Ele também assinala que “a forma estética” é “conteúdo sedimentado”. Cf. ADORNO, Theodor W. Teoria estética. Lisboa: 70, 1993. p. 15.

6 Segundo Lukács, a exposição teórica dos problemas formais do romance não pode existir sem a exposição teórica do desenvolvimento contraditório da sociedade capitalista. Cf. LUKÁCS, Georges. Écrits de Moscou. Paris: Sociales, 1974. p. 84.

Os méritos de Schwarz são muitos, sobretudo aqueles ligados à renovação da fortuna crítica machadiana. Em síntese, haveria, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, uma estrutura narrativa correspondente a uma estrutura social, isto é, uma coincidência entre narração autoritária (perceptível na diagramação dos capítulos, na condução das reminiscências etc.) e autoritarismo de classe. Segundo Lafetá (2004, p. 107) uma das qualidades mais notáveis de Schwarz “é a capacidade de relacionar estruturas literárias e estruturas sociais”. Porém, este modo de fazer crítica não encontrou somente adeptos. Giannotti, dialogando com Schwarz a respeito das tais estruturas, diz o seguinte:

Essa estrutura a meu ver privilegia um aspecto central do livro, mas em compensação deixa de lado um outro aspecto, que é a meu ver o lado fantástico do livro, no sentido em que, por exemplo, o delírio e o jogo de aspectos absolutamente solto, que são contrários justamente ao processo de conhecimento, e que você é levado a reduzir a uma falta de conhecimento qualquer. Isto é, há um reducionismo na sua tentativa que eu acho complicado e, mais ainda, você descarta um lado do Machado — e essa melancolia não é tanto o lado de classe, mas é uma melancolia — vamos dizer assim — da *vanitas*, de uma longa tradição do Ocidente que aparece no Machado. Vincular essa melancolia diretamente a uma situação de classe e querer ter esse reducionismo, a meu ver, é um problema complicado (GIANNOTTI, 1991, pp. 65-66).

Giannotti não somente apresenta outra possibilidade de interpretação da estrutura, ligada a uma tradição artística que remonta à Idade Média e que traduz um sentimento de sublimação da morte, mas também aponta para o “reducionismo” que há na crítica de Schwarz, a qual afirmaria como única leitura possível aquela do viés de classe. Assim, a elocução do narrador não demonstraria apenas um modelo de conduta das classes proprietárias, mas também estaria relacionada a uma tipologia de obras de arte conhecida como *vanitas*.

Concluimos que há uma infinidade de interpretações possíveis, e Schwarz não as descartou, ele apenas almejou fundamentar a viabilidade de seu ponto de vista. A técnica narrativa das *Memórias póstumas* foi vista pela crítica “como traço psicológico do Autor, deficiência narrativa, superioridade de espírito, empréstimo inglês, metalinguagem, nada disso estando errado” (SCHWARZ, 2000a, p. 17). Schwarz reconhece, portanto, a legitimidade de outras análises, inclusive a de Augusto Meyer; seu intuito, porém, foi estudar a fundo a dimensão social da forma literária.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. **Filosofia da nova música**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Teoria estética*. Lisboa: 70, 1993.
- CALDWELL, Helen. **The Brazilian Othello of Machado de Assis: a study of Dom Casmurro**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1960.
- CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **The encyclopaedia logic, with the Zusätze: part I of the encyclopaedia of philosophical sciences with the Zusätze**. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1991.
- LAFETÁ, João Luiz. **A dimensão da noite e outros ensaios**. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2004.
- LUKÁCS, Georges. **Écrits de Moscou**. Paris: Sociales, 1974.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis: estudo crítico e biográfico**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- PEREIRA, Astrojildo. **Interpretações**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1944.
- PUCCI, Bruno; ALMEIDA, Jorge de; LASTÓRIA, Luiz Antônio Calmon Nabuco (Orgs.). **Experiência formativa & emancipação**. São Paulo: Nankin, 2009.
- ROMERO, Sylvio. **Machado de Assis**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.
- SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Que horas são? Ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Sequências brasileiras: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2000.
- SCHWARZ, Roberto; GIANOTTI, José Arthur; OLIVEIRA, Francisco de et al. Machado de Assis: um debate, **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 29, pp. 59-84, mar. 1991.

WAIZBORT, Leopoldo. **A passagem do três ao um: crítica literária, sociologia, filologia.** São Paulo: Cosac Naify, 2007.